EM DEFESA DE UMA "CAIXINHA DE LEMBRANÇAS" DE IMIGRANTES DO SEGUNDO PÓS-GUERRA: O PATRIMÔNIO A PARTIR DO ACERVO PARTICULAR DA FAMÍLIA EGERT

Rodrigo dos Santos*

RESUMO

A migração é um fenômeno que atinge todos, durante algum momento da vida, o deslocamento se efetiva tanto de forma física, ida para algum lugar, como simbólica, construído nas e pelas representações que fazemos de pessoas e lugares. Nesse sentido, sempre articulando o presente e o passado, o artigo discute a relevância de uma "Caixinha de Lembranças" de uma família de imigrantes do segundo pós-guerra, denominada pelo sobrenome Egert, para a construção do conhecimento histórico. Para atingir tal objetivo, utiliza-se metodologicamente de conceitos como cultura e patrimônio, enfatizando a salvaguarda de uma memória. Como resultados, foram percebidos, não apenas a relevância da temática para a área de Ciências Humanas e Sociais e a sua ressignificação, mas a necessidade da preservação de acervos particulares e a sua utilização na educação patrimonial.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Imigração; Memória; Segunda Guerra Mundial.

RÉSUMÉ

La migration est um phénomène qui affecte tout le monde, pendant uncertain temps dans leurvie, Le déplacement peut se produire soit physiquement, allant quelque part, soit symboliquement, construit dans et par les représentations que nous faisons des personnes et des lieux. En cet sens, articulant toujours le présent et le passé, l'article discute de la pertinence d'une "Boîte à Mémoire" d'une famille d'immigrés de la seconde période d'après-guerre, appelée par le nom de famille Egert, pour la construction de saviors historiques. Pour atteindre cet objectif, des concepts tels que la culture et le patrimoine sont utilizes méthodologiquement, mettant l'accent sur la sauvegarde d'une mémoire. Dans les résultats, nous remarquons non seulement la pertinence du theme pour le domaine des sciences humaines et son recadrage, mais aussi la nécessité de preserver le patrimoine des collections privées et son utilization dans l'éducation au patrimoine.

Mots clefs: Études culturelles; Immigration; Mémoire; II guerre.

* Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e docente do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: digao_santos9@hotmail.com

A motivação para a tessitura deste texto surgiu a partir da leitura de Syrléa Marques Pereira (2008)[1]. Na sua tese de doutorado, defendida pela Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulada *Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memória de mulheres*, a pesquisadora definiu a "Caixinha de Lembranças" como: "uma pequena caixa contendo fotografias de família e objetos pessoais [...] colecionado ao longo da vida" (PEREIRA, 2008: 19). Ela analisou os objetos disponibilizados por sua família, depois de receber um baú como herança após a morte de sua avó Stella Consani Marques em 1986, paralelamente a isso, discutiu outras narrativas que encontrou no Brasil e Itália.

Na salvaguarda da memória, é perceptível um fenômeno semelhante com o que foi discutido por Pereira (2008), com os imigrantes oriundos do segundo pós-guerra[2], especialmente da família Egert, que também sentiu a necessidade de preservar o que lembra os seus. Diante desses elementos, objetiva-se enfatizar esse artefato cultural, discutindo-o e relacionando com a construção do conhecimento histórico e a educação patrimonial.

A metodologia empregada ampara-se em uma análise documental e teórica com pesquisadores da área dos estudos culturais, enfatizando a cultura enquanto um dos elementos principais de análise, e àqueles que possuem uma relação com as temáticas Patrimônio e Memória. Entre eles, destacam-se Bauman (2017), Candau (2011), Pelegrini (2007:2016) e Pollak (1989).

O artigo ora apresentado, é dividido, além desta introdução e considerações finais, em três itens. No primeiro apresenta-se a família Egert e o seu contexto. No segundo, a ênfase é desenvolvida sobre um dos filhos da família, Kazimierz Egert, e como esse salvaguardou essa memória na "Caixinha de Lembranças". Por fim, problematiza-se como utilizar esse, e outros artefatos culturais, na educação patrimonial e na construção do conhecimento.

1. A trajetória da família Egert: uma breve análise

A migração é uma escolha entre as possíveis, contudo, condizente com Bauman (2017:21), é também um veredito que "nos lembra, de modo irritante, exasperante e aterrador, a (incurável?)

[1] Algumas discussões iniciais sobre a "Caixinha de Lembranças" foram apresentadas em Santos (2020).

[2] A articulação entre Patrimônio Cultural e Imigração do segundo pós-guerra foi desenvolvida em Santos e Pelegrini (2020).

vulnerabilidade de nossa própria posição e a endêmica fragilidade de nosso bem-estar arduamente conquistado". Durante algum momento de nossas vidas fomos, somos ou seremos migrantes, deslocando por razões diversas, mas partilhando com o sentimento de "estranhos" no destino.

É nesse sentido, que Sayad (1998), também pesquisador preocupado com a subjetividade, aponta que um dos paradoxos da imigração é a necessidade de pensar os sujeitos, não apenas no seu local de destino, mas também na sua origem[3]. Por essa perspectiva, não há como discutir os guardiães da "Caixinha de Lembranças" apenas no Brasil, é necessário a análise da família Egert, tanto em solo polonês como alemão, antes, durante e no segundo pós-guerra. Quem foram eles? Quantos? Por que foram para o Brasil? São esses os questionamentos respondidos neste item.

Ignacy Egert, filho de Roch e Helena Egert, nasceu em 26 de julho de 1910 e Janina, que depois de casada assumiu o sobrenome Egert, filha de Stanislaw e JozefaWanat, em 18 de dezembro de 1915. A união do casal originou seis filhos. Os dois primeiros, Jozef (9 de outubro de 1936) e Henryque (7 de dezembro de 1938), nasceram nas proximidades da origem e casamento de seus pais: Slawsk, município da região central da Polônia, situado a mais de 80 quilômetros da capital da região Poznań, e mais de 200 de Varsóvia, capital do país (SANTOS, 2020).

O deslocamento de parte da família da Polônia para a Alemanha está atrelado ao desenvolvimento das políticas nazistas. O casal e milhares de poloneses com a promessa de salários dignos foram atraídos, de forma voluntária, para trabalhar na Alemanha (SHEPHARD, 2012), no entanto, com o desenrolar da Segunda Guerra, a maioria dos operários foram escravizados e para garantir sua sobrevivência eles desenvolveram as mais diversas práticas. Enquanto Janina trabalhava em casas de famílias alemãs, Ignacy ficou a serviço do exército nazista. Ambos de família católica e considerados próximos dos "arianos" não foram para campos de trabalho forçado.

Conforme Funari e Pelegrini (2009) por um lado o fim da segunda guerra, foi um marco que trouxe à cena social, sujeitos até então esquecidos, principalmente os colonizados, que intensificaram

[3] Sayad (1998), foge de uma perspectiva economicista de discussão da imigração, afirmando que todo imigrante, também é um emigrante, por isso não há como pensá-lo apenas no seu local de destino, hátambém a necessidade de saber as motivações para o deslocamento e principalmente as práticas e representações da origem.

suas lutas contra as potências coloniais. Por outro lado, a destruição do patrimônio europeu[4], não trouxe um local seguro para a família Egert, conforme Judt (2008: 27) o segundo pós-guerra, exceto pelos soldados da nova ocupação, possuía: "[...] fluxos patéticos de civis impotentes atravessando paisagens arrasadas, cidades destruídas e campos áridos. [...] grupos de mulheres exaustas que reviram montes de entulho". O "um milhão restante", composto quase exclusivamente de poloneses, com receio de retornar à uma Polônia arrasada, devido às suas muitas invasões e controlada pela União Soviética, optaram em ficar em campos de acolhimento (refugiados), o da família Egert foi o de Lübeck[5], controlado por britânicos, no norte da Alemanha, onde se concentravam a maior parte.

Durante quatro anos, esse lugar foi a morada deles, igualmente lá que também nasceram e foram batizados outros dois filhos, Kazimierz em 12 de julho de 1945, e Boguslaw, em 6 de agosto de 1948 (SANTOS, 2020). Conforme Shepard (2012) esses espaços, que tinham sido quartéis militares ou campos de concentração, eram majestosos com mais de três mil pessoas e possuíam uma estrutura administrativa de município com prefeitura, mercados, escolas e até mesmo universidades.

Na sequência, em 1949 os membros da família Egert foram selecionados pela Comissão Brasileira de deslocados de guerra[6], possibilitando o embarque do Porto de Lübeck na Alemanha para o de Nápoles na Itália, e deste a bordo do vapor panamenho *Protea* ao Brasil. O desembarque efetivou-se no porto do Rio de Janeiro em 13 de agosto de 1949, e de lá ficaram aproximadamente uma semana na hospedaria Ilha das Flores e depois de passar por uma estação de trem, um dia em Curitiba, chegaram ao destino, o emprego em uma

[4] O patrimônio é entendido na perspectiva de Funari e Pelegrini (2009) em suas duas posições. A primeira, material, a partir de objetos, e a segunda, a partir da forma e das práticas culturais. Apesar disso, é inevitável afirmar que há uma conexão entre materialidade e imaterialidade, um artefato pode apresentar muitas memórias. Pelegrini (2007) também menciona que pensar o patrimônio é discutir memórias e identidades, e a construção não apenas de pertencimento de um grupo, mas de vários, pois muitos sujeitos pertencem a mais de um.

[5] No campo de Lübeck, a família Egert ainda teve contato com Anne e Grigori Stupak, ucranianos que imigraram para os Estados Unidos em 1950. Essas discussões serão desenvolvidas em outro artigo.

[6] O termo deslocados de guerra foi dado pela nomenclatura internacional e presente tanto em documentos oficiais quanto periódicos da época. Junto aos Egert também vieram, sob esse estigma, mais de duzentos passageiros, o destino dos imigrantes do vapor *Protea* era a Argentina. Nessa leva, para Guarapuava, ainda estavam, os padrinhos de casamento de Danusia, Marie e Viktor Sadowski, e a filha deles, Irone (SANTOS, 2020).

serraria na localidade Rio das Pedras, distrito Góes Artigas[7] em Guarapuava, estado do Paraná. Os últimos filhos de Ignacy e Janina, Danusia (15 de outubro de 1951) e Eugênio (9 de março de 1954), nasceram nessa região (SANTOS, 2020).

Como afirmam Ramos e Lopes (2010) a prática de ida para outro local, envolve uma aventura ao desconhecido, um novo e a necessidade de ocupar um lugar que não é seu, e quem sabe, nunca será. Dessa maneira, o imigrante cria muitas expectativas sobre o destino, embora isso, também o obrigue a pensar como o outro, o nacional, que já estava antes dele nesse habitat e precise negociar e renegociar suas práticas. A família Egert fez isso, rumou para o Brasil, adentrou em um espaço que não era seu e não conhecia quase ninguém.

No local de destino, ou antes disso, durante sua vida, a família Egert, inicialmente a partir de sua matriarca Janina, guardou dentro de um baú artefatos que suscitam uma memória afetiva, a "Caixinha de Lembranças" transformada em patrimônio, como menciona Pelegrini (2007), o que se configura como tal é o representativo e significante de um grupo. Nesse sentido, antes de seu falecimento (6 de janeiro de 1990), em decorrente de diabetes, aos 75 anos, a anciã passou a salvaguarda do objeto para seu filho Kazimierz. Isso é relevante, pois conforme Caixeta (2006) e Pereira (2008) geralmente esses artefatos adquirem um valor simbólico como o falecimento de um de seus integrantes ou nascimento e são passados como patrimônio para as filhas[8], no entanto, nos Egert a passagem foi realizada de forma atípica, visto que de outra maneira não seria possível, uma vez que a esperada herdeira já havia falecido nos anos de 1980, com isso foi dada a figura masculina a incumbência de preservação da memória.

2. Kazimierz Egert, "Caixinha de Lembranças" e memória

Kazimierz Egert, como já mencionado, nasceu em um campo de acolhimento (refugiado) em Lübeck, cidade portuária no norte da Alemanha, mesmo sendo de família polonesa, se reconhecia

[7] A localidade Rio das Pedras, ainda hoje pertence ao município de Guarapuava, no entanto, o distrito Góes Artigas, após os anos de 1960, faz parte de Inácio Martins- Pr, sendo uma das fronteiras com Guarapuava.

[8] As pesquisadoras apontam que por muito tempo a função da mulher esteve ligada aos aspectos privados e a vida doméstica como narradoras de histórias de vida e colecionadoras de objetos, enquanto aos homens foi dado o espaço público de fora da casa, principalmente econômicos. De alguma forma a memória feminina se funde com a familiar (CAIXETA, 2006; PEREIRA, 2008).

identitariamente como alemão e diferenciava seus irmãos como alemão (Boguslaw), poloneses (Jozef e Henryque) e brasileiros (Danusia e Eugênio). A esse sujeito controverso que não se reconhecia como os seus e que teve sua vida marcada por conflitos familiares[9], Janina Egert, sua mãe, incumbiu a salvaguarda da "Caixinha de Lembranças" e, com isso, ele se tornou o guardião da memória de toda a família.

De acordo com Pereira (2008) esses são sujeitos que dentro de suas organizações, no caso dele a família, se dedicam a reconstrução da memória de seu grupo, controlando e organizando o que os outros terão acesso no futuro. São personagens indispensáveis para preservar a memória, criando uma identidade, depositando suas práticas culturais e representações. "Existem pessoas no grupo responsáveis por serem o elo entre as gerações. São os mediadores, aqueles responsáveis por transmitir [um]a história e as 'marcas' do passado vivido" (CAIXETA, 2006:43). Kazimierz era essa junção, foi simbolicamente eleito pela Janina e pelos demais, e autorizado a representar a família, tornando essa nomeação um projeto de sua vida.

Outro elemento que é preciso pensar sobre a salvaguarda do objeto refere-se ao seu surgimento. As "Caixinhas de Lembranças" emergem em momentos de crise, e são diversas as razões que fazem com que essa memória, que até então é subterrânea (POLLAK, 1989), entre em pauta. No caso dos Egert não é possível precisar quando apareceu, entretanto, alguns momentos poderiam ter sido propícios para isso, como a entrada no campo de acolhimento em Lübeck, ou ainda, durante os 21 dias de travessia para o Brasil, possivelmente Janina reuniu algumas fotografias que tinha recebido na sua estadia provisória no campo juntando-os no baú.

Esse artefato cultural carrega a trajetória, parcial, de uma família, Pereira (2008: 115) menciona que na "Caixinha de Lembranças" recebida de sua avó tem:

> [...] retratos, santinhos de missa de sétimo dia, participações de nascimentos, batizados, casamentos, Bodas de Prata, Bodas de Ouro e falecimentos, felicitações de Primeira Comunhão Católica, cartões-postais, entre outros objetos, que lhe foram enviados por suas tias, irmãs, filhos e sobrinho.

[9] Ainda podemos dividir o relacionamento de Kazimierz Egert e seus irmãos entre os mais amados (os brasileiros: Danusia e Eugênio), o indiferente (alemão: Boguslaw) e os menos (os considerados por ele, poloneses: Jozef e Henryque). Os últimos, ele possuía inúmeros rancores, advindos de uma disputa por botijão de gás e bicicleta.

Esses objetos também foram salvaguardados pela família Egert. Há mais de duzentas fotografias de diversos tamanhos, cartões postais, recortes de jornais, documentos de identificação tanto expedidos pela OIR (Organização Internacional de Refugiados) quanto nacionais (carteira de aposentadoria), felicitações de primeira comunhão, uma mini bíblia em polonês, entre outros. Eles não são mais coisas, são testemunhos de um passado. Alguns deles possuem a identificação feita por Janina Egert, em seu idioma, e outros, a de Kazimierz em português, facilitando sua atribuição de significado.

Conforme Bacellar (2014), no Brasil uma das dificuldades nos acervos privados é que não há uma política para a preservação da documentação e sempre nos deparamos com notícias da sua destruição, principalmente quando ficam nas mãos dos descendentes que não visualizam significado na produção e conservação. À esses objetos, que permanecem nas mãos de famílias, como os dos Egert, cabem ao profissional da área de história meios para tentar ter acesso, e demonstrar sua riqueza em narrativas.

A preservação da memória na nossa sociedade é uma necessidade, uma vez que a partir desse passado, busca-se a reconstrução de um presente e a si mesma (PELEGRINI, 2007). O retorno ao passado é uma imposição do presente, como o cheiro, mesmo não querendo sentimos a sua presença (SARLO, 2007). De forma similar Huyssen (2000) ao demarcar que vivemos em um tempo saturado de memórias e como as pessoas não visualizam uma projeção de futuro se desenvolveu uma frustração coletiva[10]. Os sistemas tecnológicos não avançaram como boa parte da sociedade esperava, muito menos as máquinas como lavadoras, casas, carros transformaram-se na visão futurista, então, o passado é buscado como refúgio, amparando-se na tecnologia que o presente disponibiliza[11]. Na atualidade, com a possibilidade, hipotética, de vivência de Janina ou Kazimierz, os dois igualmente estariam preservando sua “Caixinha de Lembranças” e com uma probabilidade

[10] Conforme o pesquisador: “[...] Não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo. [...] Algo que seja, de fato, específico à estruturação da memória e da temporalidade de hoje e que não tenha sido experimentado do mesmo modo nas épocas passadas” (HUYSSEN, 2000:15). Ele justifica que a partir do fim do século se criou uma cultura da memória e esse fenômeno adentrou até mesmo na nossa década e avançará as seguintes.

[11] Isso pode ser visualizado no meio da Pandemia COVID-19, na qual esse texto está sendo escrito (janeiro de 2021), avançou-se muito, mas o colapso na rede mundial de computadores, a ausência de sinal ou em algum software ou hospedagem de e-mail leva a prejuízos e nem todos têm acesso.

de sua divulgação em redes sociais ou comunicadores instantâneos.

Outra problemática também relevante para pensar a salvaguarda dessa memória refere-se ao porquê Kazimierz Egert continuou a guarda desse material depois do falecimento de sua mãe. A resposta pode ser ancorada nas discussões de Candau (2011:139), o pesquisador afirma que antes da memória ser uma construção coletiva, ela também é individual, a necessidade de salvar o outro, nada mais é que, se salvar: "salvaguardando a memória de seus ancestrais, ele protege [ou guarda] também a sua", possivelmente algum dia ele tinha a ambição de ser lembrado como um imigrante do segundo pós-guerra[12].

Nesse sentido, não há como pensar uma bagagem física e outra simbólica, os sujeitos que migram, inclusive o guardião Kazimierz, carregam além de seus artefatos, sentimentos de um passado vivido e sua memória enquanto experiência. Elaé representada pelos objetos e "[...] pela língua falada, pelas histórias contadas, pelos cantos e contos e também pelas imagens da terra natal que, da retina, deslocaram-se para a memória" (RAMOS; LOPES, 2010: 173). Sair de uma localidade e ir para outra para fixar residência não foi e nunca será uma prática fácil, pois é se despossuir de muitas coisas e carregar os seus representativos em forma diminuta.

Desse modo, não é possível guardar tudo que se quer dentro de uma "Caixinha de Lembranças", não apenas pelo aspecto físico ou pela necessidade de findar a memória. Como aponta Candau (2011: 127) há a precisão de recordar e esquecer: "porque sem o esquecimento, nossas lembranças não teriam nenhum alívio". Os Egert guardaram eventos dolorosos e outros felizes, por exemplo, há recortes de jornal da morte de Eugênio e ao mesmo tempo fotografias do casamento de Danusia. A morte dela não foi lembrada, tanto por Janina como por Kazimierz, para ela não ser considerada frágil ou pelo evento ser extremamente doloroso, muito mais que o de Eugênio, pois as memórias das tragédias assombram. Enquanto o primeiro foi assassinado na luta pela sobrevivência[13], a segunda tirou sua própria vida, no entanto, é necessário mencionar que "O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória [...] Ele pode

[12] Em julho de 2015, aproximadamente seis meses antes de Kazimierz Egert falecer, ele gravou uma entrevista em vídeo no município Goioxim-PR, relatando a sua trajetória.

[13] O corpo de Eugênio Egert foi encontrado às margens do Rio Tapera, atual divisa dos municípios Virmond e Laranjeiras do Sul, ambos no Paraná. Ele foi executado depois do roubo do caminhão que trabalhava (SANTOS, 2020).

ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios" (CANDAU, 2011: 127). Esquecer também é uma forma de ordenar memórias e reconfortar-se com elas.

É nesse sentido, que Pereira (2008) menciona que as "Caixinhas de Lembranças" param o tempo, cristalizam uma memória, no entanto, não é qualquer uma, devido a construção e seletividade, é a que seus guardiães quiseram ilusoriamente bloquear do esquecimento, uma forma de contar (e esquecer) um passado pertencendo ao seu grupo. Apesar disso, a amnésia não é absoluta ou definitiva, elas ficam em reserva e podem emergir (CANDAU, 2011), mesmo que a conta gotas, principalmente nos acervos particulares, que vão se revelando, mesmo com a desconfiança dos familiares frente aos pesquisadores.

Apesar disso, Pollak (1989) evidencia que os esquecimentos têm características bem mais complexas que as lembranças. Ele apresenta que as vezes as pessoas não se esquecem, mas silenciam, e menciona duas possibilidades, sendo que também pode servir para a família Egert. A primeira é que para os sofrimentos serem revelados precisam de alguém que os escute, possivelmente eles não conseguiam falar disso com ninguém, era o não dito. Enquanto a segunda, refere-se em tentar poupar os descendentes, relatar poderia causar dor ou vergonha. Contudo, o autor aponta que quando os personagens tendem a desaparecer, eles querem relatar suas lembranças para não serem esquecidos. O detalhe do suicídio da filha do casal, pode ter sido revelado por Janina ou Kazimierz Egert, antes falecimento.

De acordo com Huyssen (2000: 16):

> Mas ao mesmo tempo, é claro, nem sempre é fácil traçar uma linha de separação entre passado mítico e passado real, um dos nós de qualquer política de memória em qualquer lugar. O real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode engendrar fortes efeitos de realidade. Em suma, a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta.

A memória e a história são fabricadas, no entanto, é necessário problematizar, principalmente a segunda, como uma construção dos historiadores, entre tantas possíveis, pautada em vestígios e não em mitos, sendo uma incessante busca pela verdade. Portanto, ao se fazer história a partir das "Caixinhas de Lembranças" os profissionais devem levar em consideração que ela não é memória, e que em

muitas vezes se criou mitos a partir de alguns personagens familiares, por exemplo, o pai ausente como amoroso e presente, a mãe manipuladora, como gentil e compreensiva.

A “Caixinha de lembranças” dos Egert, da mesma forma que é construída pela lembrança que se torna memória, também apresenta uma seletividade. A sua constituição se efetiva no lembrar e esquecer, pois a memória também possui subjetividade, de quem a preservou e a classificou. Do mesmo modo, não é um jornal impresso com a matéria de capa, a com maior destaque, todavia, apresenta uma hierarquia. O que é digno de ser lembrado por uma família de imigrantes do segundo pós-guerra, as vitórias e conquistas (nascimentos, batizados e casamentos); e o que deve ser esquecido (conflitos e falecimentos).

A preservação da memória da família também pode estar relacionada à tentativa de retorno, mesmo que simbólico, e aceitação. Sayad (1998) afirma que o imigrante se sente presente onde está ausente e ausente onde está presente, sempre sendo lembrado no local de destino como um sujeito provisório e intruso, conforme Bauman (2017), sendo estigmatizado pelo nacional. A criação de um artefato das lembranças pode ser uma investida para o retorno e gentileza, ou ainda, a necessidade de sentir segurança com a presença dos que ficaram na terra de origem, uma forma de se fazer próximo, e fugir da hostilidade dos cidadãos nacionais, criando uma identificação. Contudo, isso causa frustração ao imigrante por ser inatingível, pois nunca conseguirá, nem o retorno, pois mesmo que volte, ele não estará no mesmo tempo e espaço, devido a sua inexistência, nem o carinho do nacional que o vê como estranho.

Isso é evidenciado pela família Egert, entre eles a sua matriarca e o filho preservador da memória, pois, apesar dos apelos daqueles que ficaram, como seus sobrinhos, nem mesmo para visitas retornaram à Polônia. Nos objetos da “Caixinha de Lembranças” também há a constatação em duas cartas deles endereçadas à Janina: uma dos anos 1960 e outra dos anos 1980, que comprovam o fato. Em ambas, seus parentes questionam quando retornarão para visitá-los e reclamam de não obter respostas conclusivas. A justificativa dela é a ausência de recursos para o deslocamento, queria voltar, mas não poderia realizar, devido às adversidades financeiras e inicialmente a necessidade de auxiliar a sustentar seus seis filhos, e quando aposentada, a pensão que não dava para pagar todos os remédios, precisando de ajuda.

De forma semelhante, que o guardião da memória, Kazimierz Egert, viveu grande parte de sua vida entre os municípios

paranaenses: Guarapuava e Goioxim, também sem nunca retornar para a sua terra de origem (Alemanha ou Polônia), sobreviveu as perdas e a dor de ser imigrante, onde possuía filhos e netos. O máximo que retornou foi no Distrito Guairacá, caminho do Góes Artigas, onde viveu seus últimos dias. Ele faleceu em 20 de janeiro de 2016, quase um mês depois de descobrir um câncer, e a "Caixinha de Lembranças", passou para uma salvaguarda coletiva, estando nas mãos, tanto de sua esposa quanto de seus netos, que perceberam a relevância do patrimônio da família.

3. A "Caixinha de Lembranças" na/da escola: possibilidades e usos

Conforme Gil (2020: 118) a educação patrimonial não é uma metodologia para o ensino, mas uma forma de trabalho e recurso pedagógico, sendo definida como "[...] um conjunto de situações de aprendizagem de/para/desde/com o patrimônio". Partindo desse pressuposto que o ensino da história e essa forma de educação tem como sentido a " [...] a dimensão sensível e cognitiva, possibilitando leituras indiciárias que identifiquem sinais, signos, ruínas e marcas da ação de homens e mulheres no tempo e no espaço" (GIL, 2020: 117). As crianças e jovens visualizando uma "Caixinha de Lembranças" e questionando sua utilização, também podem ser sensibilizados com a sua preservação.

Apesar disso, ela questiona que usar somente o patrimônio enquanto preservação e fonte para história é reduzir seus mecanismos de ação. Embora sejam práticas necessárias, é necessário colocar populações dentro dessas discussões: "abordar o patrimônio no ensino de História implica ampliar o espaço, nas aulas, para uma educação do sensível" (GIL, 2020: 117). Para que faça sentido, os alunos precisam se colocar dentro dessas práticas e não como mero espectadores. O foco deve ser as pessoas e os bens, não apenas um ou outro.

> Trata-se de uma educação patrimonial que não está interessada somente nos objetos, nos monumentos, no conjunto arquitetônico, nas coleções, mas na dignidade das pessoas, nas histórias silenciadas das comunidades populares, nas memórias dos sujeitos subalternizados, enfim, na vida. Essa educação patrimonial, comprometida com a diversidade e a aprendizagem em História, certamente se efetiva com metodologias muito diversas. Não há, portanto, uma única metodologia (GIL, 2020: 122).

Nesse panorama, Pelegrini (2016: 59) afirma que: “Não basta contar uma história do passado e uma história do presente, o que vale é suscitar o interesse acerca das interconexões desses dois momentos, entre os objetos e o seu contexto de produção e circulação”. No contexto, há também a manipulação dos artefatos pelas pessoas, por isso, mais que simplesmente pensar o objeto, ele precisa estar rodeado dos sujeitos de outrora, que estão juntos com a preservação da memória.

A utilização de uma “Caixinha de Lembranças”, como a da família Egert, em uma sala de aula pode ser realizada, seguindo alguns caminhos desenvolvidos por Cainelli (2006). A pesquisadora, que desenvolveu uma prática pedagógica em uma turma de oito anos da segunda série do ensino fundamental de uma escola particular, desafiou os alunos depois de perguntas sobre questões históricas. Elas tinham como objetivo a descoberta da temporalidade de um objeto, estabelecendo comparações com o cotidiano. Ao utilizar perguntas como: “O que é? Qual a idade? Para que serve? Quem usava? Você acha que ainda é utilizado? Você sabe como utilizá-lo? ” (CAINELLI, 2006: 62-63) e depois levar uma máquina de macarrão, a proponente não apenas desenvolveu a percepção de patrimônio, mas os relacionou com o presente.

Ao analisar museus, mas de forma análoga pode ser pensado para artefatos em sala de aula, Ramos e Lopes (2010) evidenciam que a comunicação entre sujeitos e objetos é extremamente relevante para a percepção histórica. O artefato leva a muitas interpretações, pois há nisso uma intertextualidade, sendo necessário também problematizar a junção entre passado e presente, e a memória. O esquema ideal abriga dois passados e um presente. O passado do artefato, passado das pessoas que o produziram e o circularam, e presente do aluno.

Uma outra alternativa não é o professor levar a “Caixinha de Lembranças” à sala de aula, mas cada aluno fabricá-la, ou ainda, uma coletiva da turma, salvaguardando tudo que construíram durante o ano, um anuário da memória. Essa prática pode ser extremamente útil, por causa de um professor eficiente os alunos podem ser instigados a um encantamento pela busca de um presente/passado “[...] em busca de novidades, como se fosse uma espécie [principalmente pelos conhecimentos das muitas culturas] de ‘Indiana Jones’ dos arquivos” (BACELLAR, 2014: 21).

A fabricação de “Caixinhas de Lembranças” é válida para situar os alunos no mundo, visto que a Base Comum Curricular (2017) propõe igualmente sua utilização. O documento aponta nos anos

iniciais do ensino fundamental, por exemplo, no 2º ano, na Unidade Temática: "As formas de registrar as experiências da comunidade", como um dos objetos do conhecimento "As fontes: relatos orais, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), músicas, escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais" (BRASIL, 2017: 408). Um artefato da lembrança, feito pelos alunos, com mediação dos professores, é exequível para desenvolver o conteúdo[14].

O documento ainda sugere o desenvolvimento de duas habilidades[15], a primeira: "Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes" (BRASIL, 2017: 409). Na compilação de narrativas sobre a família, a "Caixinha de Lembranças" pode ser utilizada como um espaço para suscitar as falas. E a segunda, "Identificar objetos e documentos pessoais que remetam à própria experiência no âmbito da família e/ou da comunidade, discutindo as razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados" (BRASIL, 2017: 409). Isso sendo feito pela própria criança em conjunto com a família e mediado pela comunidade escolar desenvolve o sentimento de pertencimento e de preservação.

Outra opção, que Cainelli (2006) realizou, depois da proposição inicial, foi fazer uma visita planejada e direcionada sobre artefatos construídos em um passado específico[16]. A proposta aqui é que se busque em arquivos públicos, privados ou museus, as "Caixinhas de Lembranças" que já foram construídas[17], pois como aponta Pelegrini (2016: 51): "Em pleno século XXI, os museus ainda surgem no imaginário coletivo como um lugar mágico, capaz de salvaguardar sopros da poética e do viver", sendo isso extremamente relevante para chamar crianças, jovens e adultos à esses espaços, uma vez

[14] A guarda e conservação de documentos é um desafio na escola e precisa ser assumido por todos (SANTOS; MORAES, 2020).

[15] O foco deste trabalho não é discutir se as habilidades/competências ou objetivos são os mais indicados para pensar o ensino de história ou educação patrimonial, no entanto, são as terminologias postas no material e por isso a usamos. Há a necessidade de problematização desses conceitos em pesquisas futuras.

[16] Cainelli (2006) levou os alunos da pesquisa ao Museu Padre Carlos Weiss, conhecido como Museu Histórico de Londrina, localizado no centro de Londrina-PR. O seu prédio/arquitetura possui ornamentos históricos, tendo em vista é uma antiga estação ferroviária.

[17] As "Caixinhas de Lembranças" podem ser pensadas de forma ampla, a partir da disponibilização de acervos privados em museus, arquivos públicos ou centros de documentação, que mesmo não presentes fisicamente embaús, são capazes de serem problematizados enquanto memória e construídos como narrativas históricas.

que se transportam para outras temporalidades e lugares.

Contudo, como adverte Gil (2020), deve-se tomar cuidado para que as abordagens do patrimônio *in loco* não se tornem meros passeios escolares, uma vez que sem um planejamento e objetivos definidos, levam os alunos a pensar a história e o patrimônio como apenas ilustrativos de uma época, em razão de que o mundo está saturado de memórias (HUYSSEN, 2000). A história e os museus (e espaços de guarda de memória) são mais que isso, é possível a partir deles compreender as relações de poder, a temporalidade e as conexões com o presente. Isso é corroborado por Pelegrini (2016: 52): "[...] os museus [e centros de história e memória] não são instituições imutáveis, mas sim práticas sociais [e culturais] cujo ciclo existencial resulta das escolhas efetuadas pela própria sociedade que os criou". Eles só fazem sentido, se forem para responder aos anseios atuais, caso contrário, são obsoletos.

Portanto, ao discutir sobre patrimônio e educação, nesse caso específico sobre acervos particulares de imigrantes do segundo pós-guerra ("Caixinha de Lembranças"), é preciso abandonar uma perspectiva apenas de valores sobre a preservação, defendendo diálogos e evidenciando tanto sujeitos quanto memórias. Nelas, é preciso ressignificar não apenas uma, mas várias, que estejam contrárias ao vencedor e que valorize todos os seus participantes, principalmente os grupos culturais historicamente invisíveis nas narrativas historiográficas.

Considerações finais

A denominação "Caixinha" suscita ao criador e receptor algumas percepções que gostaria de frisar nessas considerações. A primeira, é que a palavra não apenas representa um artefato pequeno, mas um objeto aconchegante e guardado com muito zelo. Além disso, outros nomes poderiam ser utilizados para sua representação como arca, baú, cofre ou tambor, no entanto, nenhum denotaria o sentido de curiosidade e pertencimento que a palavra "caixa", no seu diminutivo "caixinha" pode carregar, e aproximar tanto o guardião como os demais familiares, na transformação dessas lembranças em memória.

Posto isso, a pergunta principal para finalizar esse trabalho é: Por que defender uma, ou mais, "Caixinhas de Lembranças" de imigrantes do segundo pós-guerra? A resposta, entre outras, é que elas podem contar muitas narrativas e auxiliar a construir outras tantas, não apenas escritas, mas faladas, ou até mesmo imaginadas,

desenvolvidas por cada sujeito que participa, criando ou observando sua produção.

Outro questionamento que se desdobra disso é: Por que a "Caixinha de Lembranças" da família Egert? Visto que há uma predominância de estudos sobre a imigração do final do século XIX e início do XX, pensar sujeitos que vieram em outros contextos, como o dos deslocados ou refugiados de guerra do meio do XX, é ressignificar a discussão da temática, perfazendo nossas relações entre presente e passado. A problematização dos Egert, apresenta a reconstrução de novas experiências e narrativas até então esquecidas pela historiografia.

Uma vez que as "Caixinhas de Lembranças" também são objetos extremamente ricos para a construção de uma percepção histórica e suscitam a necessidade da preservação de uma memória, são necessárias mais pesquisas sobre essa, ou outras, contribuindo tanto no âmbito acadêmico como escolar. As pesquisas sobre acervos particulares são fecundas, pois são "tesouros" muitas vezes esquecidos, por grupos culturais que não percebem a sua grandiosidade, e o pesquisador da história, principalmente cultural, tem o dever de ir atrás deles, demonstrando e emergindo aqueles que estão à margem das narrativas vencedoras.

Antes de finalizar, também é preciso destacar a necessidade de perceber e conceber o patrimônio nas suas mais diversas esferas, não apenas como bens tombados, ou ainda na sua materialidade ou imaterialidade. Ele deve ser discutido junto com os sujeitos, àqueles de outrora e o presente, pensando na dialética presente/passado que a nossa disciplina pressupõe. Uma alternativa para isso é instalar mais projetos de instituições públicas e privadas que tenham como foco a educação patrimonial.

Por fim, sintetizando as discussões, mas com cuidado para não as simplificar, percebem-se como resultados, não apenas a relevância da temática para a disciplina História, mas à área de Ciências Humanas e Sociais, inclusive do Patrimônio. Além do que a necessidade da preservação da memória em acervos particulares e a sua utilização na educação.

Referências

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta.* Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso 08 jan. 2020.

CAINELLI, Marlene. Educação Histórica: perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental. *Educar,* Curitiba, especial, p. 57-72, 2006. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5548/4061 Acesso em 07 jan. 2020.

CAIXETA, Juliana Eugênia. *Guardiãs da memória:* tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos. 2006. 224f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília (UnB), 2006. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6213/1/Juliana%20Eug%c3%aania%20Caixeta.pdf Acesso: 06 jan. 2020.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade.* São Paulo: Contexto, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio histórico e cultural.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Investigações em Educação Patrimonial e Ensino de História (2015-2017). *Clio:* Revista de Pesquisa Histórica, Recife, v. 38, p. 107-127, Jan-Jun, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/243720/36232 Acesso em:06 jan. 2020.

HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória:* arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JUDT, Tony. *Pós-Guerra:* uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

PEREIRA, Syrléa Marques. *Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memória de mulheres.*2008. 279f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_PEREIRA_Syrlea_Marques-S.pdf

Acesso em: 03 jan. 2021.

PELEGRINI, Sandra de C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. *Patrimônio e Memória,* v. 3, n.1, p. 87-100, 2007. Disponível em: http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/33/459 Acesso em: 03 jan. 2021.

PELEGRINI, Sandra de C. A. Os embates pela memória nos espaços expositivos. In: SCHIAVON, Carmem G. Burgert; PELEGRINI, Sandra de C. A.*Patrimônios plurais:* iniciativas e desafios. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos,* Rio

de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278. Acesso em: 03 jan. 2021.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla; LOPES, Maíne Barbosa. Lugares de memória da imigração na América Latina: as hospedarias dos imigrantes de São Paulo e Buenos Aires. *Maracanan,* Rio de Janeiro, nº 6, p. 171-182, jan. /dez. 2010. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12934 . Acesso em: 05 jan. 2021.

SANTOS, Rodrigo dos. *Em busca de um lar*:práticas culturais e representações da família Egert na região de Guarapuava -PR (1949-2016). 2020. 204f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Maringá, 2020. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/6065/1/Rodrigo%20dos%20Santos_2020.pdf Acesso em: 02 jan. 2021.

SANTOS, Rodrigo dos; PELEGRINI, Sandra C. A. A Preservação de uma memória: discussões sobre o patrimônio e a imigração no Brasil. *Trilhas da História***,** v. 10, n. 19, ago.-dez., ano 2020. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/10093 Acesso em: 02 jan. 2021.

SANTOS, Rodrigo dos; MORAES, Valdirene Manduca de. A gestão de documentos na escola: desafios da guarda e conservação. In: GONÇALVES; Ademir Nunes; GUILHERMETI, Paulo (orgs). *Fundamentos da organização do trabalho pedagógico:* políticas educacionais e gestão escolar. Guarapuava: Apprehendere, 2020.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado:* cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. A *imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SHEPHARD, Ben. *A longa estrada para casa:* restabelecendo o cotidiano na Europa devastada pela guerra. São Paulo: Paz e Terra, 2012.